

**ESPÍRITO SANTO: CAMINHO DA LIBERDADE.
ELEMENTOS DE PNEUMATOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM BASÍLIO, GUTIÉRREZ,
BOFF E CODINA.**

Bruno da Silveira Albuquerque¹

<http://lattes.cnpq.br/4464502656551056>

Robert John Millar Cortés²

Resumo: Neste singelo texto, refletiremos sobre as tentativas de inserção da figura do pobre no discurso sobre o Espírito Santo. Para tanto, seguiremos dois passos: primeiro, uma rápida passagem na Tradição cristã patrística oriental, destacando alguns desdobramentos de inculturação da fé em Basílio de Cesareia; a seguir, dando um salto para tempos mais recentes, veremos de que forma, tardiamente, as concepções sobre o Espírito Santo foram se amoldando mais concretamente à necessidade do povo, em contexto cristão latino-americano, referente aos pobres e marginalizados da sociedade. Há de se confirmar uma necessidade de maior aprofundamento sobre o assunto, tendo em vista sua relevância para o povo brasileiro em especial. Trabalharemos com alguns autores importantes, sendo que três serão destacados neste ponto: Gustavo GUTIÉRREZ, Leonardo BOFF, Victor CODINA, com suas respectivas contribuições no âmbito de uma pneumatologia que nos seja convidativa à reflexão sobre os pobres da vida. Nossa proposta é colocar em relevo a partir da pneumatologia o que já foi exposto dentro do horizonte de compreensão da inculturação da fé, e como esta se faz necessária para que o cristianismo continue a se comunicar com os homens, superando os desafios de seu tempo.

Palavras-chave: Espírito Santo; Patrística; América Latina; Pobre; Libertação.

Abstract: In plain text, reflect on attempts to insert the figure of the poor in speaking about the Holy Spirit. To do so, follow two steps: first, a quick passage in patristic Eastern Christian

¹ Teólogo carioca, Mestrando em teologia sistemático-pastoral pela PUC-Rio, Especialista em Ensino Religioso pela Universidade Candido Mendes, Bacharel em teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil. Contato: (21) 9334-9473.

² Teólogo chileno, Mestre em teologia bíblica pela PUC-Rio, Licenciado em Pedagogia pela Universidade Luterana (ULBRA), Bacharel em teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Diretor-fundador do Instituto de Teologia e Pesquisa Solo Cristo, Nova Iguaçu, RJ. Contato: (21) 4113-6061.

tradition, highlighting some ramifications of inculturation of the faith in Basil of Caesarea, then jumping up to more recent times, we will see how, later, the conceptions on the Holy Spirit were shaping up more specifically to the need of the conceptions on the Holy Spirit were shaping up more specifically to the need of the people in Latin American Christian context, referring to the poor and marginalized of society. One has to confirm a need for further clarification on the matter, in view of its relevance to the Brazilian people in particular. We will work with some important authors, three of which will be highlighted at this point: Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff and Victor Codina with their respective contributions under a pneumatology that is inviting us to reflect on the life of the poor. Our proposal is to put emphasis on pneumatology from what has been stated within the horizon of understanding of inculturation of the faith, and as this is necessary for that Christianity continues to communicate with men, overcoming the challenges of their time.

Key-words: Holy Spirit; Patristic; Latin America; Poor; Liberation.

Resumen: En este modesto texto, nuestra reflexión se hará en cima de las intenciones de inserir la figura del pobre en el discurso sobre el Espíritu Santo. Para esta tarea, abordaremos dos pasos: en primer lugar un rápido viaje por la tradición cristiana patristica oriental, desatacando algunos puntos de inculturación de la fé en Basilio de Cesarea; después, dando un salto para los tiempos más recientes, veremos de que forma, las concepciones del Espíritu Santo fueron moldandose más concretamente a la necesidad del pueblo, en el contexto cristiano de America Latina, que se refiere a los pobres y marginalizados de la sociedad.

Hay que confirmar una necesidad de mayor profundidad sobre el asunto, teniendo en vista su relevancia especialmente para el pueblo Brasileño. Trabajaremos con algunos autores importantes, de los cuales tres serán destacados en este punto: Gustavo GUTIÉRREZ, Leonardo BOFF, Victor CODINA con sus respectivas contribuciones en el ámbito de una pneumatologia que nos sea convidativa a la reflexión sobre la vida de los pobres.

Nuestra propuesta es colocar de forma relevante a partir de la pneumatologia lo que já fue expuesto dentro del horizonte de la comprensión de la inculturación de la Fe, y cómo esta se hace necesaria para que el cristianismo continúe a comunicarse con los hombres, superando los desafíos de su tiempo.

Palabras-claves: Espíritu Santo; Patristica; America Latina; Pobre; Liberacion.

Introdução

Falar do Espírito Santo é como tentar descrever olhando desde fora da terra, esse imenso espaço sideral com seus milhões de galáxias que dançam ao ritmo dessa musica cósmica que é puro mistério. Mistério este que se abre ao diálogo fecundo em meio aos desafios, medos e inseguranças dessa vida que vive o ápice do frenesi.

A pessoa do Espírito Santo nessa nossa modernidade cibernética tende a ser instrumentalizada, esta que é invadida de um pragmatismo utilitarista que converge em força máxima para despersonalizar a pessoa do Espírito de modo que para a sociedade este não significa companhia, consolo, amizade, pessoa que faz lembrar que nos estimula ao zelo, ao encontro com Deus, em plena liberdade. O Espírito parece ser transmutado em ferramenta apenas de poder, e útil em tempos onde a visão é de uma força lucrativa.

[...] E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. (At 8,15-21)

O Espírito Santo foi deixado no ostracismo secular onde passa seus últimos dias numa masmorra fria e mecânica, tendo como única companheira a palavra de Deus que parece não mais fazer sentido nesse nosso cenário repleto de luzes humanistas, e por isso fadada a presenciar a fatídica imagem fúnebre de uma sociedade decadente.

É preciso com urgência resgatar essa particularidade do Espírito Santo que saltita à essência medular humana, fazendo-a seu receptáculo, seu tabernáculo, seu depósito, numa apropriação suave, cheia de graça, que acalenta e aquece a dinâmica da verticalidade e a horizontalidade da vida e das relações; lutando com gemidos inexprimíveis por transformar toda “involução” que só é superada pelo poder do *outro*, o *allon*, desejo do Pai e do Filho na mais singela correspondência, harmonia intraessencial e perene. Amém.

Basílio de Cesareia: O Espírito na Tradição patrística capadócia

Temos que começar nossa breve análise a partir de um ponto delimitado. Poderíamos abordar o que já foi descrito sobre a atuação do Espírito de Deus no Antigo Testamento; ou uma sistematização a partir do próprio exemplo de Jesus Cristo; ou as historiografias que se fazem acerca do influxo do Espírito nas primeiras comunidades cristãs. Mas, uma tarefa como esta demandaria inúmeras páginas de exegese, e fica claro aqui que pontuamos nossa pesquisa tendo como ponto de partida um resumo de algo que recebemos da teologia pneumática na patrística.

Entre os Pais de fala grega no século IV, a teologia sobre o Espírito Santo se deu de forma a influenciar a decisão conciliar de Constantinopla (381). Isto também não exclui a influência do Concílio de Niceia (325). Vejamos como se desenrolou a pneumatologia entre os séculos IV e V:

A definição da identidade essencial do Pai e do Filho (DS 125) feita no Concílio de Niceia (325) também conduziu de fato a um conhecimento mais claro da identidade essencial do Espírito. Pois se o Espírito não é Deus, ele não pode, como acentuam Atanásio e Basílio, reconciliar-nos com Deus e tornar-nos semelhantes à imagem do Filho. Porém a profissão de fé no Espírito, feita pelo I Concílio de Constantinopla (381), como “Senhor e distribuidor da vida” (DS 150), está muito longe de ser tão precisa quanto as formulações cristológicas de Niceia. Mesmo mais tarde, na teologia dos Padres, a doutrina do Espírito permaneceu muito aberta³.

Assim, “enquanto os gregos falavam preferentemente da procedência do Espírito do Pai *por intermédio* do Filho, no Ocidente se consolidava, desde Agostinho, a expressão da procedência do Espírito do Pai e do Filho (*filioque*)”⁴.

Mesmo com certa *abertura* em suas primeiras formulações, parece que foi no âmbito grego que a pneumatologia encontrou maiores contribuintes, principalmente entre os chamados *Pais Capadócius*. É grande a riqueza de dados teológicos sobre *Gregório de Nazianzo*, *Gregório de*

³ W. KASPER. *Espírito – Cristo – Igreja*, In: *A experiência do Espírito Santo*, Revista Concilium, nº 99, novembro de 1974. Petrópolis: Vozes, 1979. p.75.

⁴ *Ibid.*, p.75.

Nissa e Basílio de Cesareia. Como nosso foco é um pouco mais a questão da inculturação, vejamos o caso de Basílio⁵, numa concepção teológica que se desenvolve em seu legado prático.

Evidentemente, no cristianismo, teoria e prática precisam caminhar juntas, sem dualismo. Parece que a noção pneumática de Basílio influenciou diretamente sua práxis. Ele identificou os problemas do seu tempo, e procurou de alguma forma superá-los. O exemplo deste personagem apresenta-se para alguns historiadores como um *paradigma ecumênico*⁶, inclusive. Parece-nos justo mencionar o que se indica dentro desta perspectiva. Assim, lembramos primeiramente do contexto sociocultural do quarto século cristão:

O quarto século não foi caracterizado somente por disputas doutrinárias. Uma ordem social injusta apresentou ao cristianismo um desafio especial. Profundas desigualdades sociais estavam sendo agravadas por cataclismos naturais, e pela primeira vez o cristianismo estava em posição de promover justiça social e auxílio aos pobres. Antes de Constantino, o cristianismo limitava-se basicamente a esforços curativos, trabalhando quase que somente nas consequências da injustiça social. Todavia, com sua ascensão às esferas mais altas do poder político, o cristianismo viu-se em posição de também exercitar atividades preventivas e, portanto, afetar as causas das desigualdades. Infelizmente, se como um todo o cristianismo enfrentou os desafios apresentados pelo paganismo em áreas como teologia e espiritualidade, não conseguiu impor uma ordem social baseada em valores cristãos⁷.

Apesar das estruturas sociais injustas que havia no Império Romano, houve também algumas pessoas que se preocuparam de verdade com esta situação. Basílio foi uma delas.

Basílio é uma das poucas exceções de seu tempo. O bispo de Cesareia somou ortopraxia à sua ortodoxia; ele vivenciou as consequências da dupla

⁵ *Basílio de Cesareia* nasceu em 330, em Cesareia da Capadócia (atual Kayseri, no centro da Turquia), com uma saúde frágil que o acompanhou em toda sua vida. Foi ordenado presbítero em 364. Defendeu a partilha dos bens excedentes entre os pobres. Escreveu homilias sobre o assunto da igualdade entre os homens, e seu “Tratado sobre o Espírito Santo”. Morreu em 379, dois anos antes do I Concílio de Constantinopla (381), no qual sua pneumatologia teria êxito.

⁶ E.G. HINSON; P. SIEPIERSKI. **Vozes do cristianismo primitivo**. São Paulo: Arte, 2010. p.116.

⁷ *Ibid.*, pp.116-117.

natureza do Filho e da total divindade do Espírito. Seu compromisso com a fé cristã o levou a experienciar libertação das coisas deste mundo, refletida em sua mudança de lugar social, e em tornar-se libertador dos oprimidos; ação esta manifesta em sua atividade pastoral⁸.

Antes de tudo, porém, devemos entender que “Basílio apelou à experiência cristã da salvação, e argumentou que, como somente o Espírito Santo opera a nossa salvação, ele só pode ser Deus, pois somente Deus pode salvar”⁹.

A vivência prática e a reflexão da teologia devem estar enquadradas na cultura onde se encontra o cristianismo. É visto que Basílio tentou articular de alguma forma a teologia trinitária, especialmente do papel do Espírito Santo em uma perspectiva a partir dos pobres e marginalizados da sociedade imperial em sua época, deixando um pouco mais claro que a fé cristã não deve ser reduzida às formulações dos concílios. “A maneira que as pessoas vivenciaram sua fé é mais importante do que as formulações abstratas dos concílios; estas só têm importância somente quando refletem uma preocupação popular”¹⁰.

O ex-aristocrata assumiu uma vida de servo em sua comunidade. Basílio demonstrou sua libertação mudando de lugar social e vivendo com os marginalizados. A *diakonia* de Basílio selou seu engajamento em favor dos pobres com ação e obras. Providenciando comida para os famintos, abrigo para os desabrigados, alívio para os leprosos, vestes para os despidos, conforto para os prisioneiros, Basílio reconheceu a pessoa do Senhor nos destituídos¹¹.

Da ortopraxia à ortodoxia, Basílio contribui, junto de seus contemporâneos, com a pneumatologia, a reflexão sobre a identidade do Espírito Santo.

Neste próximo momento, verificaremos que reflexão pneumatológica tem sido feita recentemente na direção dos oprimidos em nosso contexto ocidental, mais precisamente na América Latina.

⁸ Ibid., p.117.

⁹ F. FERREIRA. **Gigantes da fé**. São Paulo: Vida, 2006. p. 57.

¹⁰ E.G. HINSON; P. SIEPIERSKI. Op. Cit. p.119.

¹¹ Ibid. p. 119.

Gustavo Gutiérrez: Andar no Espírito e com o Espírito

Toda prática cristã encontra profundo sentido em Jesus e na sua prática. Este, na verdade, representa o ponto de início de toda a fé, da comunhão com a Igreja e do fazer teológico. Neste ponto, reafirmamos não ser necessário nos determos com a exegese, mas teremos de fazer alguns acenos à tradição bíblica, no que tange às bases da relação entre vida no Espírito e a libertação dos pobres.

Desta forma, Jesus Cristo constitui-se princípio da hermenêutica e de toda a compreensão da fé (Jo 1,18); Ele é o exegeta do Pai e como tal ele faz, conforme a narrativa do evangelista Lucas, como hermeneuta de sua vontade (Lc 24,27).

Jesus Cristo é o princípio hermenêutico de toda compreensão da fé: em Jesus encontramos a Deus, na palavra humana lemos a palavra do Senhor, nos acontecimentos históricos reconhecemos o cumprimento e a promessa. E isso porque Jesus é o Cristo de Deus, o enviado do Pai, o Filho, porque Jesus é a irrupção na história daquele por quem tudo foi feito e tudo foi salvo. Esse é, portanto o círculo hermenêutico fundamental: do ser humano a Deus e de Deus ao ser humano, da história à fé e da fé à história, da palavra humana à palavra do Senhor e da palavra do Senhor à palavra humana, do amor fraterno ao amor do Pai e do amor do Pai ao amor fraterno, da justiça humana à santidade de Deus e da Santidade de Deus à justiça humana. A teologia, compreensão da fé, está animada pela vontade de ajudar a viver conforme o Espírito¹².

Uma vivência que engloba todas as dimensões humanas e não apenas as transcendentais. Aquilo que para alguns parece limitar-se ao ambiente invisível e metafísico tomando forma de uma espiritualização esotérica num mundo que paradoxalmente marca o moderno ambiente existencialista.

¹² G. GUTIÉRREZ. **A verdade vos libertará**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 128.

Em Gustavo Gutiérrez¹³, se observa uma crítica dura a essa Teologia dissociada da realidade imanente, revelando que toda prática teológica deve ter uma base coerente com a vida espiritual porque é ela que a dinamiza, a aquece, fazendo com que as injustiças sejam limadas e o Reino dos Céus estabelecido na economia de Deus, olhando sempre para os pobres como os primeiros receptores da mensagem de Deus pelo influxo do Espírito Santo. Estes que parecem não ter nada a que se agarrar, senão a esse Deus que por meio de seu Espírito intervém para fazer-lhes justiça contra toda espécie de diminuição que subjuga. (Is 61,1)

É necessário então refletir a racionalidade teológica e a sabedoria que estejam em acordo com o caminhar espiritual.

“Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” (Rm 8,4).

Para Gutiérrez, se faz urgente uma orientação humana firme, decidida e arrojada, e assim ele toma a palavra grega *hodós* que muitas vezes é traduzida como método ou caminho a ser seguido para uma reflexão à luz da fé. Por certo o que importa salientar aqui é que ele não se limita a uma questão de metodologia, mas implica um estilo de vida, uma maneira de ser e de fazer-se discípulo de Jesus.

No livro dos Atos, que relata a história da primeira comunidade cristã, aparecem repetidas vezes a expressão “*caminho*”, como referência à comunidade dos santos, que andam de forma diferente, de uma maneira particular e original.

Mas confesso-te isto que, conforme aquele *caminho* que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na lei e nos profetas. (At 24,14; cf. 22,4; 24,22)

O caminho guarda muitos sentidos muitas vezes esquecidos em suas acepções bíblicas. No Antigo Testamento esta expressão refere-se exclusivamente à Torá. Que guarda todo o segredo para andar conforme o Espírito. É o segredo da obediência a Deus e ao estabelecimento do Reino dos Céus.

¹³ Gustavo Gutiérrez Merino (Lima, 8 de junho de 1928) é um teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da *Teologia da Libertação*.

Da mesma maneira que o cristão que anda no caminho não corre riscos de cair nas armadilhas que são colocadas na beira da estrada, ele não sofre de desorientação que é gerada pelas muitas opções que se apresentam como guias para direcionar-se. Nas palavras de Gutiérrez:

O termo é usado de forma absoluta, sem qualificativo. Seguir o caminho é ter uma conduta. Com efeito, o termo *hodós* significa as duas coisas ao mesmo tempo: conduta e caminho. Os cristãos se caracterizam por um comportamento, por um estilo de vida. Isso distingue a comunidade cristã no mundo judaico e pagão em que vive e dá testemunho. Essa conduta é uma maneira de pensar e de agir, '*de caminhar segundo o espírito*'¹⁴.

Para Gutiérrez o caminho para ser cristão é o fundamento da direção espiritual que se toma para aquele fazer teológico, e daí se depreende que nossa metodologia é nossa espiritualidade (ou seja, um modo de ser cristão), um modo de andar conforme as coisas *espirituais*, andar no Espírito. Apenas a partir do caminhar segundo o Espírito é possível pensar e anunciar o amor gratuito do Pai para toda pessoa humana.

Para Gutiérrez, é na conversão que acontece esse andar com o Espírito e converter-se é sair de seu próprio caminho (Lc 10,25-37) e entrar no Caminho do outro, do próximo, especialmente do pobre em quem encontramos o Senhor. (Mt 25,31-45)

Andar no Espírito também é andar com o Espírito, que é fazer com que a pessoa do Espírito Santo seja "*alguém e não apenas algo*", alguém que caminha conosco ao lado como uma companhia sempre nos orientando a convergir às coisas de Deus. Logo, o texto de Atos relembra esta realidade:

"E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e disse: Entendes tu o que lês?" (At 8,29-30).

É uma acolhida, um receptáculo que faz com que todas as nossas obras sejam feitas pela intervenção do Espírito Santo, que agora passa a fazer parte de nossa companhia, isto é, acolher a palavra do Pai, a obra de Cristo em nossas vidas, numa tríade bendita e singela, e este é o início de qualquer compreensão da fé que assim se chame. É o sentido do "*credo ut intelligam*" de Santo Anselmo, em seu texto famoso:

¹⁴ Ibid., p. 128.

Senhor, não trato de penetrar em tua profundidade, porque minha inteligência não poderia esgotá-la de nenhum modo; mas desejo compreender em certa medida tua verdade, que meu coração crê e ama. Não procuro compreender para crer, mas creio para compreender, pois estou certo de que, se não cresse, não compreenderia¹⁵.

Isto significa que *crer e compreender* são as vertentes que levam a uma espiritualidade teológica ortodoxa e *ortoprática* (como víamos acima, com Basílio), rumo a um verdadeiro encontro com Deus, com o Filho, e com o Espírito Santo, que jamais exclui, senão que inclui numa estreita relação.

Para os pobres do mundo, a mensagem é a libertação dessa condição indigna, exploratória e diminuidora. Quando estes lutam pela afirmação de sua dignidade humana e de sua condição de filhos de Deus, nesse movimento ascendente realiza-se a experiência espiritual, isto é, ali se dá o encontro com o Senhor que preenche todos os vazios deixados pela arbitrariedade de nossa prática espiritual. Aí se faz plenipotência essa dupla dimensão espiritual: *andar no Espírito e com o Espírito*.

Leonardo Boff: A Santíssima Trindade é a melhor Comunidade

O mais conhecido teólogo da libertação no Brasil, Leonardo Boff¹⁶, atuou muito ativamente em vista de uma reflexão em favor dos injustiçados. Em seu livro, “*A Trindade, a sociedade e a libertação*”, encontra-se uma pequena síntese sobre a missão do Espírito Santo, em quatro características diferentes.

Ele afirma que o Espírito, em primeiro lugar, “emerge como a força do novo e como uma renovação de todas as coisas”¹⁷. Assim, entende-se que a ação do Espírito está voltada para o

¹⁵ S. ANSELMO DA CANTUÁRIA. **Proslogion**, capítulo I.

¹⁶ Leonardo Boff nasceu em 1938, e doutorou-se em Munique. Ele ficou conhecido pela sua intensa atividade como representante da Teologia da Libertação no Brasil, principalmente nos anos 1970 e 1980. Só nestas duas décadas ele escreveu mais de trinta livros, fora artigos, e outras contribuições literárias e pastorais. A partir de 1984, sua obra ganhou proporções mundiais, travando vários embates entre a CNBB e o Vaticano, acerca de suas propostas sócio-teológicas. Suas obras mais conhecidas na área da teologia sistemática são *Jesus Cristo Libertador* (1972), *Vida para além da morte* (1973), *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos* (1975), *O Pai nosso* (1979), *Igreja, carisma e poder* (1982), *A Trindade, a sociedade e a libertação* (1986), entre outras.

¹⁷ L. BOFF. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 235.

futuro, criativamente, e não para o fechamento e obsessão humanos sobre um tempo passado para o qual não pode voltar.

Em contrapartida, Leonardo ainda propõe uma característica da *memória*, na missão do Espírito no mundo. De fato, apesar do risco do isolamento humano diante da responsabilidade presente e do desafio do futuro, o cristão necessita do Espírito para que não se esqueça do exemplo de Cristo e que sendo assim, faça da vida conforme ele fez.

Seria trair o Filho e recusar-se ao Espírito transformar Jesus no suporte para todo tipo de grandeza e dominação que rompe o caráter filial dos seres humanos, estabelecendo e legitimando as relações de opressão de uns sobre outros. O Espírito nos faz viver filialmente no seguimento do Filho encarnado, impedindo o esquecimento da simplicidade, da humildade, da coragem profética, da mentalidade de serviço, da relação íntima com o Pai que o caracterizam. Missão do Espírito consiste em atualizar permanentemente o significado da encarnação como processo mediante o qual Deus-Filho assume a história com suas transformações e a faz história santa, história da SS. Trindade ¹⁸.

Dizer que o Espírito faz *lembrar*, equivale a trazer à tona uma memória viva, histórica e presente, que é o Filho Jesus e sua história humana. “Compete ao Espírito desdobrar e realizar nas culturas (por exemplo, da Índia, da China, dos indígenas latino-americanos) a significação divina e humana deste fato único na história” ¹⁹.

Em terceiro lugar, destaca-se um ponto chave na reflexão de nosso autor aqui: a ideia de *libertação*. Partindo do pressuposto paulino, da contraposição entre *carne* e *Espírito*, Boff faz uma aplicação ao estado de fechamento e pecado (carne) às pessoas que vivem em função de determinações excludentes. Não é este o caminho do Espírito.

A carne produz o projeto da pessoa voltada para si mesma, entregue desbragadamente aos seus próprios interesses. A lei muitas vezes legitima tais interesses e se faz assim opressora. Prende a pessoa a determinações

¹⁸ Ibid., p. 236.

¹⁹ Ibidem, p. 236.

excludentes, confirma tradições religiosas que impedem o acesso ao Deus da misericórdia e aprisiona a vida nas malhas que obstruem a criatividade necessária para fazer face a novas situações. O Espírito é aquele que liberta de semelhantes situações, pois “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (1Cor 3,17). Particularmente, os pobres padecem, por serem indefesos, das opressões dos mais poderosos. O Espírito é o pai dos pobres (pater pauperum) dando-lhes força de resistência, coragem na sublevação, criatividade para encontrarem novos caminhos. É o Espírito que dirige o curso da história... renova a face da terra, está presente à evolução humana. É ele que faz romper os horizontes que encarceram o espírito, rompe os grilhões mediante as práticas libertárias dos oprimidos, mantém viva a esperança e aceso o espírito utópico de um mundo sem dominações e regrado pela justiça e pela fraternidade ²⁰.

O alvo do Espírito na humanidade histórica é a evolução desta no projeto de Deus, para a fraternidade e para a igualdade em Cristo.

Em quarto lugar, nosso autor destaca a função do Espírito como *princípio criador de diferenças e de comunhão*. Ele se lembra das duas colunas sobre as quais a comunidade cristã foi edificada: o Senhor ressuscitado e o Espírito. Neste ponto pneumatológico, a implicação é do *novo* emergente e também de sua *descontinuidade*. Desta forma, ele afirma que a instituição e o carisma “caminham juntos e constituem a dinâmica viva e tensa da realidade cristã” ²¹. Neste sentido é que o Espírito se manifesta na diversidade de carismas e serviços na comunidade, e em cada pessoa conforme Ele quer.

O Espírito é a criatividade e a irrupção do novo no meio do grupo, mas nunca num sentido individualista ou para a auto-promoção da pessoa, mas sempre em vista do esforço da comunidade em suas necessidades. Por isso, se o Espírito é por um lado princípio da diferenciação, é também, por outro, fator de comunhão ²².

²⁰ Ibidem, p. 237.

²¹ Ibid., p. 237.

²² Ibid., p. 238.

Portanto, o que foi até aqui exposto de uma noção da proposta pneumatológica de Gutiérrez e Leonardo Boff é suficiente para pontuarmos um pouco da Teologia da Libertação, e seu posicionamento quanto à figura do Espírito Santo. Passaremos ao último exemplo de nossa pesquisa, que será a abordagem de Victor Codina.

Victor Codina: O clamor do Espírito é o clamor dos pobres

Victor Codina é sacerdote jesuíta espanhol (nascido em Barcelona, 1931) e importante teólogo que nas últimas décadas tem se dedicado à atividade docente na Universidade Católica da Bolívia, e em outros pontos de toda América Latina. Ainda desconhecido por muitos no Brasil, seu trabalho teológico é muito relevante, e algumas de suas obras já foram publicadas em língua portuguesa. Uma delas se chama *Não extingais o Espírito*, lançada originalmente em 2008, e editada no Brasil dois anos depois. Com esta breve introdução à pneumatologia, Codina se preocupou em contextualizar os conhecidos discursos sistemáticos sobre o Espírito dentro de um horizonte de compreensão latino-americano²³, tendo em vista os rumores e descaminhos que a Teologia da Libertação tomou nos últimos anos. Sua proposta fala de vários clamores feitos pelo Espírito em nossos dias, mediante os clamores das vítimas humanas, e da terra. Destacaremos um destes clamores que é o *clamor dos pobres*.

O teólogo espanhol cita desde o exemplo do livro de Atos até a encíclica “Deus é Amor”, de Bento XVI, para ilustrar os esforços da igreja em escutar o clamor dos pobres por justiça, ao longo da história²⁴. Até mesmo fez parte do Concílio Vaticano II o tema dos pobres, o qual foi levado para outros continentes como na África (Kampala, 1969), Ásia (Manila, 1970) e América Latina (Medelín, 1968). Em Medelín veio uma percepção muito propícia, na qual “os bispos se convertem em profetas que denunciam a injustiça e proclamam a exigência de uma libertação para o povo”²⁵. Culturalmente falando, isso tem uma implicação muito importante. É uma passagem de pensamento. Nosso autor o nota.

²³ Tarefa realizada de forma muito competente no âmbito da pneumatologia, por outros teólogos como o já citado Leonardo Boff, José Comblin, e recentemente sintetizado por Ana Maria Tepedino e Alessandro Rocha, p.ex. Em contexto europeu, os principais teólogos por uma pneumatologia libertária são Y. Congar e J. Moltmann.

²⁴ V. CODINA. *Não extingais o Espírito (1Ts 5,19)*. Iniciação à pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010. pp. 248-249.

²⁵ *Ibidem*, p. 251.

Se no Primeiro Mundo a Modernidade havia-se concentrado na “primeira Ilustração” (simbolizada em Kant), no horizonte do Terceiro Mundo aparece a chamada “segunda Ilustração”, sensível à injustiça, à necessidade de libertação, à práxis, à transformação da realidade. Um nome que poderia simbolizá-lo é Marx, o que não supõe que esta “segunda Ilustração” aceite a ideologia marxista, mas que é sensível a situações de injustiça econômica e busca transformar tal realidade. É a passagem da Modernidade à solidariedade ²⁶.

Dentro de um horizonte cultural como este, torna-se necessária uma releitura teológica, que não pode ser feita a partir de abstrações ou especulação, mas a partir da realidade injusta no mundo concreto. Nosso autor deixa claro que “o clamor dos pobres, verdadeiro sinal de nosso tempo, constitui um lugar teológico especial e privilegiado, não como fonte de revelação, mas como lugar adequado onde a Palavra se faz história e o Espírito a recria” ²⁷.

Apesar de mal-entendidos, a proposta da Teologia da Libertação gerou mudanças significativas na práxis eclesial. Agentes de pastoral empenhados, bispos e presbíteros próximos do povo, vida religiosa mais sensível aos pobres, tudo não sem ser regado com sangue de alguns novos mártires. Porém, Codina lembra do enfraquecimento desta teologia nos anos de 1990.

Esta primavera eclesial latino-americana dos anos 1970-1980 parece ter entrado em crise a partir dos anos 1990. A queda do muro de Berlim foi vista por muitos como o ocaso de muitas utopias. O triunfo do neoliberalismo parece convidar à resignação. A Pós-Modernidade introduz elementos psicológicos e individualistas na consciência dos povos. Passou-se de Prometeu, o herói do progresso, para Narciso, aquele que se deleita em sua autocontemplação. Às ditaduras sucedeu-se em quase toda a América Latina uma época de democracias, e se estabeleceu a paz entre as guerrilhas e governos. No âmbito eclesial, vive-se uma situação de inverno: vão desaparecendo os bispos “Santos Padres” da América Latina; as comunidades de base entraram em declínio: a IV Conferência Episcopal

²⁶ Ibid., p. 251.

²⁷ Ibid., p. 252.

Latino-Americana, reunida em Santo Domingo (1992), muda o método de reflexão e parece querer dar uma guinada na pastoral; alguns teólogos da libertação morreram, outros abandonaram o ministério e outros, finalmente, foram martirizados. Parece que se vive um tempo de silêncio, de perplexidade, desesperança. Para alguns, a opção pelos pobres, Medellín e Puebla foram um pesadelo da juventude. A teologia da libertação morreu, pois, com a queda do muro de Berlim. Se nos anos 1970-1980, o paradigma do êxodo parecia dominar o ambiente eclesial, agora predomina o do exílio. Como Israel no exílio, agora parece que se vive tempos de perplexidade e confusão²⁸.

Somente se identificados os problemas recentes e atuais pode-se refletir uma possível solução. Se for preciso partir da realidade, esta nova realidade é que deve ser escutada²⁹. Tem-se que uma pneumatologia centrada numa cristologia libertadora possa ajudar a se retomar o rumo certo da práxis cristã. Para tanto, necessitamos articular o que há de bom na teologia anterior sob luzes atualizadas. Somente desta forma, o cristianismo poderá continuar a comunicar uma expressão de fé realmente relevante ao homem do tempo hodierno.

É preciso fazer nova reflexão teológica que, sem negar tudo o que foi dito anteriormente, enriqueça-o com novas luzes. Mais concretamente, é preciso reforçar e completar a Cristologia libertadora de Jesus de Nazaré com uma adequada Pneumatologia. É o Espírito quem suscita profetas, quem unge Jesus e o envia a anunciar o Evangelho aos pobres (Lc 4,16s). Se isto não fica bem claro, existe o perigo de se inclinar rumo a um seguimento de Jesus excessivamente voluntarista, ético, um tanto milenarista. Sem a mão do Espírito, a missão do Filho pode ficar, com o tempo, deformada, convertida em Jesusologia, sem abrir-se ao mistério Trinitário. Quiçá algumas crises na Igreja da América Latina não se devam a este déficit de

²⁸ Ibid., pp. 255-256.

²⁹ Ibidem, p. 256.

Pneumatologia teórica e prática. Tudo isso está intimamente unido à análise da realidade, que, como vimos, não pode ser unicamente socioeconômica³⁰.

Merecem a atenção do Espírito mediante a Igreja não apenas os financeiramente pobres, mas todo e qualquer que sofre qualquer tipo de injustiça no mundo. Daí, se podem entender as conclusões do referido autor: de fato, o que implica para toda a Igreja escutar o Espírito que clama através dos pobres?

Primeiramente, “a Igreja deverá ter uma atitude “excêntrica”, ou seja, deverá estar voltada para fora, porque seu centro não é ela mesma, mas o Reino de Deus”³¹. Para além de todo egoísmo em torno da mera manutenção de suas estruturas e dos títulos que ostenta, deverá defender o direito do povo marginalizado, advogar pela justiça, e denunciar em tom profético a injustiça insistente. “Os pobres nos unem a todos.”³².

E ainda há uma implicação *interna* na vida eclesiástica. Nosso autor pergunta: “Não implicaria transformar muitas estruturas econômicas, administrativas e pastorais da Igreja?”³³. Para além da simples moralização, tantas vezes acentuada em documentos eclesiásticos de orientação pastoral, com a mesma força deveria ser a clareza da linguagem teológica em prol dos menos favorecidos, sejam pobres, mulheres, deficientes, etc. No fim, as declarações de Codina se tornam ainda mais agudas e enfáticas:

Como deveriam ser nossas liturgias, nossas catequeses e homilias, se escutássemos de verdade o clamor dos pobres? Acaso os pobres entendem os documentos do Magistério da Igreja, do mesmo modo que os pobres do tempo de Jesus entendiam suas parábolas? Se é verdade que aos pequenos, pobres e simples foram revelados os mistérios do Reino, ocultados aos sábios e prudentes (Lc 10,21), não deveríamos escutá-los e deixar-nos evangelizar por eles? Estamos convencidos de que o único sacramento necessário para a salvação é o sacramento do pobre, fora do qual não há salvação?³⁴

³⁰ Ibid., pp. 256-257.

³¹ Ibid., p. 259.

³² Ibid., p. 260.

³³ Ibid., p. 260.

³⁴ Ibid., p. 261. Esta última frase (*fora dos pobres não há salvação*) é tomada emprestada de Jon Sobrino.

Conclusão

Vimos em quatro momentos, como o processo de inculturação da fé cristã foi importante para se desenvolverem teologias práticas, em contextos concretos da sociedade humana. Seja no período patrístico, na teologia da libertação de seus primeiros 20 anos, ou em sua releitura atual, o Espírito Santo, conclui-se, sempre será agente fundamental na libertação integral de todas as pessoas, em perspectiva salvífica, que engloba todos os aspectos da vida e da dignidade humanas. Como se diz muito hoje de uma *crístologia pneumatológica*, vale a pena lembrar, como fez Moltmann, do exemplo de Jesus, que “recebeu o Espírito para os doentes que curou, para os pecadores cujos pecados perdoou, para o povo pobre cuja comunhão procurou, para as discípulas e discípulos que chamou para lhe seguirem.”³⁵ É um íntegro voltar-se para o outro. Parece ser esse o caminho do Espírito Santo. A justificação dos homens através da fé deve ser encarada dentro deste horizonte de compreensão libertador.

Encerramos com as palavras do professor Mario de França Miranda:

A ação do Espírito divino é mais concretamente levar o espírito humano para fora de si mesmo, é estimulá-lo e capacitá-lo para a superação de si mesmo, para um autêntico êxtase (ek-stasis: estar fora de si) ao qual o espírito humano, entregue às suas forças, não conseguiria chegar (P. Tillich). A imanência do Espírito nos fiéis comprova-se pelo fato de que estes fundamentam suas vidas fora de si mesmos, escapando dos estreitos limites de seus egoísmos para participarem na aventura criativa do amor. Se a ação do Espírito demonstra pouca eficácia para a construção de um mundo mais justo e fraterno, uma das causas é a concepção estática e intimista da justificação, que esquece ser a fé, no fundo, um apelo à liberdade³⁶.

³⁵ J. MOLTSMANN. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia Cristã, 2009. p. 154.

³⁶ M. F. MIRANDA. **Libertados para a práxis da justiça**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 134.

Bibliografia

- BOFF, L. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CODINA, V. *Não extingais o Espírito (1Ts 5,19). Iniciação à pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FERREIRA, F. *Gigantes da fé*. São Paulo: Vida, 2006.
- GUTIÉRREZ, G. *A verdade vos libertará*. São Paulo: Loyola, 1990.
- HILBERATH, B. J. “Pneumatologia”. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de dogmática*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 448-453.
- HINSON, E.G.; SIEPIERSKI, P. *Vozes do cristianismo primitivo*. São Paulo: Arte, 2010.
- KASPER, W. “Espírito – Cristo – Igreja”. In: **A experiência do Espírito Santo**, Revista Concilium, nº 99, novembro de 1974. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MIRANDA, M. F. *Libertados para a práxis da justiça*. São Paulo: Loyola, 1991.
- MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009.
- _____. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- ROCHA, A. *Espírito Santo. Aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana*. São Paulo: Vida, 2008.